

A GRAFIA DO GLIDE [w] EM FORMAS VERBAIS FLEXIONADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU

MATTOS, Milena Medeiros¹; MIRANDA, Ana Ruth Moresco²

¹Universidade Federal de Pelotas, Curso de Graduação em Pedagogia; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Ensino. milenamedeiros2009@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho ocupa-se da descrição de dados de aquisição da escrita do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE) referentes à grafia do glide [w] nos finais de verbos flexionados na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo. Os dados revelam as estratégias utilizadas por alunos brasileiros e portugueses no momento da escrita e salientam semelhanças e diferenças entre os dois sistemas. O PB e o PE, focos deste estudo, apresentam distinções nos níveis fonético, morfológico e sintático (MATEUS, 2006). Exemplos de diferenças no nível fonético são relativos à pronúncia das vogais átonas, todas reduzidas em PE, e também à da líquida lateral pós vocálica, que em PB é realizada como [w] e em PE como [ɫ]. Tal comportamento poderá exercer influência nas escolhas gráficas de crianças aprendizes no momento da escrita

Para melhor entender o contexto em que se insere este trabalho, são necessárias considerações a respeito da classe dos verbos. De acordo com Camara Jr. (1970), a estrutura do vocábulo verbal é composta pelo radical, vogal temática e sufixos flexionais; e os verbos estão distribuídos em três classes mórnicas ou conjugações: a 1ª conjugação apresenta a vogal temática –a, a 2ª –e e a 3ª –i. A conjugação dos verbos, na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, apresenta o sufixo flexional –u, que forma um ditongo de final de palavra, constituído por uma vogal silábica e uma vogal assilábica [w].

Um fenômeno comum ao PB e ao PE é a monotongação do ditongo [ow]. O fenômeno é verificado em posição medial nas raízes de nomes e verbos, como em ‘pouco’ e ‘poupar’, por exemplo; e no final de verbos flexionados, como em ‘amou’. Na pronúncia, o apagamento da vogal assilábica (CAMARA JR., 1970) é quase generalizado, mesmo em dialetos de prestígio, e pode estender-se também às formas escritas, especialmente em verbos de 1ª conjugação, embora em pequeno volume de dados, como já verificado em estudos anteriores (MATTOS e MIRANDA, 2011). Nas grafias das crianças brasileiras observa-se, além do apagamento, a substituição do grafema ‘u’ por ‘i’ ou ‘o’, erros que resultam, respectivamente, de motivação fonética e de supergeneralização e se distribuem de acordo com a conjugação à qual o verbo pertence.

No PB, a consoante fonológica // em posição de coda, isto é, em final de sílaba, tem duas realizações fonéticas possíveis, [ɫ] e [w], sendo esta última mais facilmente observada. No PE, de acordo com Mateus (2006), o fonema // nessa mesma posição tem apenas uma realização fonética, [ɫ]. O que ocorre no PB é que o fonema // é vocalizado e forma, junto com a vogal que o precede, um ditongo na língua, como em p[aw]co e s[aw] para ‘palco’ e ‘sal’, por exemplo. Considerando-se essa distinção entre os dois sistemas, trabalha-se com a hipótese de que nos dados do PE não serão encontrados casos de substituição do grafema ‘u’ por ‘i’, como ocorre no PB, já que o sistema europeu não oferece contexto para tal variação.

O presente estudo tem o objetivo de descrever dados referentes à grafia do glide [w] dos ditongos morfológicos resultantes da flexão verbal, na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, confrontando os resultados encontrados nos dados do Português Brasileiro com aqueles do Português Europeu.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para este estudo, foram utilizados textos pertencentes ao BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita). Os textos, coletados em 2009 em escolas públicas de Pelotas (Brasil) e do Porto (Portugal), foram produzidos de maneira espontânea por alunos das séries iniciais, a partir da realização de oficinas de produção textual.

Foram considerados apenas aqueles textos com escrita de nível silábico alfabético ou alfabético, o que resultou em duas amostras: 463 textos do PB e 176 do PE. Deste material, foram extraídas todas as palavras em que se observava o contexto a ser analisado, tanto nas formas grafadas de modo correto como incorreto, totalizando 2977 palavras do PB e 1358 do PE.

Os dados foram computados considerando-se, primeiramente, a relação de grafias corretas e incorretas em cada amostra, depois, a relação entre grafias e conjugação verbal e, por fim, a distribuição das grafias incorretas de acordo com tipos de erros previamente determinados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados mostrou que o número de grafias incorretas é pequeno em relação ao de grafias corretas, sendo o percentual de erros de 10% no PB e 14% no PE. Não é, porém, o número de erros a informação considerada relevante para que as escolhas gráficas das crianças brasileiras e portuguesas no momento da escrita do grafema 'u' final dos verbos flexionados na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo possam ser observadas, mas sim a qualidade dos erros por elas produzidos.

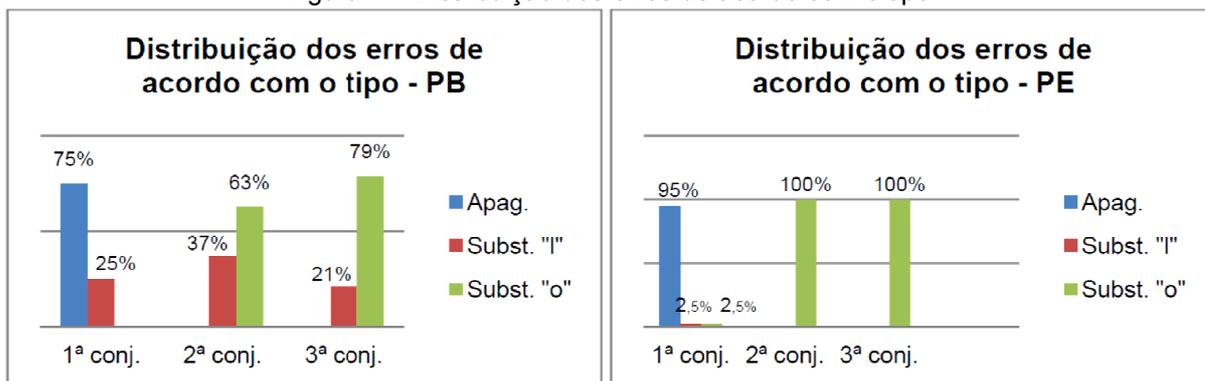
As grafias incorretas encontradas nos dados foram distribuídas de acordo com o tipo de erro. Os dois tipos de erro previstos, em se considerando a relação entre a ortografia e a fonologia da língua, são a substituição do grafema 'u' por 'l' ou 'o' e o apagamento do grafema 'u'. O primeiro tipo ocorre por efeito da supergeneralização, ou seja, há uma extensão indevida de uma regra ortográfica aprendida que leva a escolhas gráficas como 'percebel', 'percebeo' e pensol, para 'percebeu' e 'pensou', respectivamente. O segundo tipo de erro surge em decorrência de uma orientação da criança pela forma fonética da palavra, como se observa nas grafias 'transformo' e 'pego' para 'transformou' e 'pegou'.

Os dados evidenciaram também outros tipos de erro, diferentes daqueles esperados para o contexto analisado, a saber: grafia com a manutenção da vogal alta, 'u', em detrimento da vogal 'o', 'transformu' para 'transformou'; grafia com a substituição da vogal alta pela nasal, 'servin' para 'serviu'; e grafia com uma metátese intrassilábica na sílaba final do verbo, 'pasuo' para 'passou'. Essas variações, observadas em ambas as amostras, serão exploradas em estudo

subsequente, porque exigem uma reflexão mais longa a respeito do processo de aquisição silábica e segmental.

Os gráficos apresentados na Fig. 1 trazem a distribuição dos erros de acordo com o tipo encontrado em cada amostra considerando-se a conjugação do verbo.

Figura 1 – Distribuição dos erros de acordo com o tipo



A distribuição dos erros de acordo com o tipo e por conjugação, apresentada na Fig. 1, mostra que em verbos de 1ª conjugação a maior ocorrência é de apagamento de 'u', tanto no PB quanto no PE. No PB, há, também, a ocorrência de erros do tipo substituição de 'u' por 'l', caso que ocorre em apenas 1 dado do PE, especificamente na grafia 'mandol' para 'mandou'. Como já referido, no PE não se observa o processo de semivocalização de líquidas presente no PB, fenômeno responsável pela supergeneralização, à medida que as crianças brasileiras, ao ouvirem [saw] e escreverem 'sal', muitas vezes, escrevem 'amol' em vez de 'amou', porque aplicam uma regra ortográfica já aprendida a contextos nos quais ela não deveria ser aplicada. Encontrou-se nos verbos de 1ª conjugação do PE um caso também isolado de substituição por 'o'. É importante ressaltar que se trata do verbo 'dar', que, por ser irregular, quando flexionado na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, tem contexto de verbo de segunda conjugação 'deu', o que explica a substituição por 'o' nessa conjugação. Grafia como esta não é esperada nos verbos regulares de 1ª conjugação, pois uma das características da escrita infantil é a de utilizar o critério de variedade de caracteres, evitando sequências idênticas (FERREIRO e TEBEROSKY, 1984).

Nos verbos de 2ª conjugação, conforme a Fig. 1, o erro de maior ocorrência no PB e no PE é o de substituição de 'u' por 'o'. No PB há, também, um percentual significativo de grafias incorretas em que houve a substituição do grafema 'u' por 'l'. Os verbos de 2ª conjugação não oferecem contexto para a ocorrência de erros de apagamento, uma vez que, ao não grafar o 'u', cria-se uma palavra paroxítona 'come', a qual corresponde à forma verbal do presente do indicativo. Já nos dados do PE foram encontradas grafias em que as crianças deixaram de registrar a vogal assilábica 'u' tanto em verbos de 2ª como de 3ª conjugação, como nos exemplos 'abrilhe' e 'comea' para 'abriu-lhe' e 'comeu-a'. Neste caso, porém, diferentemente do que ocorreria tomando-se o verbo isoladamente ('comeu'-'come'), há a presença do pronome clítico que, por estar posposto ao verbo, cria uma estrutura de palavra em que o acento se mantém na sílaba esperada. Pode ser este o motivo por que as crianças portuguesas produzem grafias deste tipo, as quais não são verificadas nas escritas das crianças brasileiras.

Nos verbos de 3ª conjugação, os casos de substituição por 'o' também são predominantes nos dois países, sendo o único tipo de erro nos dados de Portugal e concorrendo com a substituição por 'l' nos dados do Brasil, em um percentual significativo dos dados.

Em síntese, com base nos dados apresentados na Fig. 1, pode-se afirmar que a tendência para o PB é que nos verbos de 1ª conjugação haja grafias incorretas em que a criança faz o apagamento do grafema 'u' e a substituição deste por 'l' e que no PE ela realize apenas o apagamento do grafema 'u'. Nos verbos de 2ª conjugação, no PB a tendência é haver substituição de 'u' por 'l' ou 'o' e no PE, a substituição por 'o'; enquanto nos de 3ª conjugação, em que no PB há a tendência para a substituição de 'u' por 'l' ou 'o', no PE, observou-se apenas a substituição por 'o'.

4 CONCLUSÃO

O estudo mostrou que, mesmo sendo pequeno o percentual de grafias incorretas, elas evidenciam as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas pesquisados, o brasileiro e o europeu, e possibilitam, a partir da descrição realizada, uma síntese das estratégias utilizadas por crianças brasileiras e portuguesas no que se refere à grafia do glide [w]. No que tange às semelhanças, pode-se destacar o pequeno percentual de erros em ambas as amostras e a ocorrência de erros de substituição por 'o' em verbos de 2ª e 3ª conjugação. Quanto às diferenças verificadas, pode-se destacar a não ocorrência de substituição de 'u' por 'l', nos dados do PE, o que confirma a hipótese de que o nível fonético pode determinar algumas escolhas gráficas das crianças. O efeito da informação gráfica também foi verificado nos dados, uma vez que os verbos de 2ª e 3ª conjugação do PE apresentam apenas substituição de 'u' por 'o', enquanto os do PB, no mesmo contexto, a substituição por 'l'. A diferença também foi encontrada em grafias inusitadas como aquelas encontradas no PE, nas quais houve apagamento do 'u' em formas como 'abriu' e 'comeu', o que pôde ser explicado pela presença do pronome enclítico, estrutura característica do PE.

5 REFERÊNCIAS

- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, [1970] 1988.
- FERREIRO, E.;TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, [1984] 1999.
- MATEUS, M. H. M. Se a língua é um fator de identificação cultural, como se compreende que uma língua viva em diferentes culturas?. In: MOTA, J. A. **Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil**. Local de Edição: Funcultura, 2006. p. 63 – 80.
- MATTOS, M. M.; MIRANDA, A. R. M. O efeito da conjugação do verbo na grafia incorreta do glide [w] em formas verbais flexionadas. In: **XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, Pelotas, 8 a 11 de novembro. Anais do XX Congresso de Iniciação Científica, Pelotas: 2011. s/n.